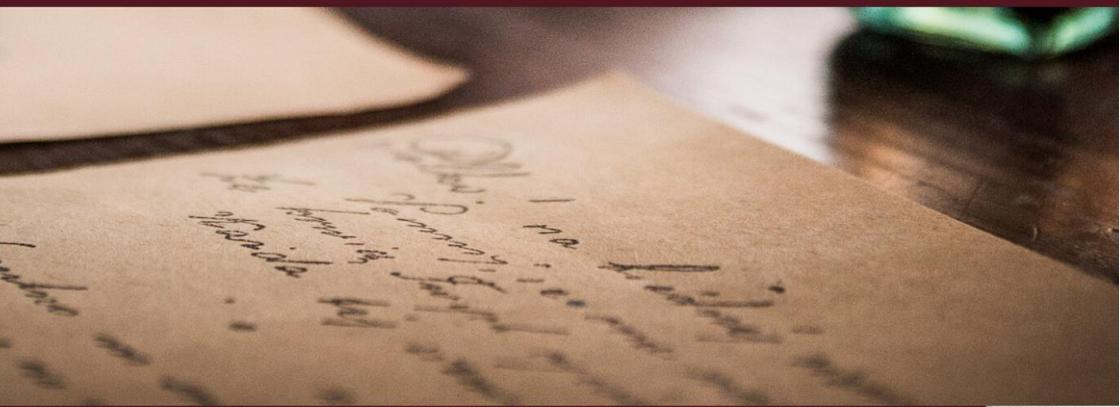




JUNIOR MALINOWSKI

CARTA AO GRANDE  
OUTRO

DE UMA ALMA ALÉM DO DIVÃ



JUNIOR MALINOWSKI

CARTA AO GRANDE  
OUTRO

DE UMA ALMA ALÉM DO DIVÃ



---

Malinowski, Junior.

Carta ao grande Outro: de uma alma além  
do divã / Junior Malinowski. - Curitiba: 2019.

1. Psicanálise. 2. Literatura. 3. Poesia

CDU 159.964

---

JUNIOR MALINOWSKI

CARTA AO GRANDE  
**OUTRO**  
DE UMA ALMA ALÉM DO DIVÃ

1ª EDIÇÃO



## DEDICATÓRIA

Um livro sempre – ou quase sempre – possui um espaço reservado à aqueles que de certo modo, marcados na eternidade de uma literatura, receberão uma dedicatória. De certo, este aqui também o receberá, embora sua ligeira brevidade e objetividade no que vem apresentar.

Dedico este pequeno livro, escrito em poucos dias, mas não menos importante que os demais nascituros de minha autoria, aos que me apresentaram a “poemática” Psicanálise. O dedico à algumas pessoas em especial, que porventura e sem muito objetivo de me transformar neste pequeno “filho da psicanálise”, me fizeram enxergar à partir de lentes extraordinárias esta arte misteriosa e belíssima.

Dedico de maneira especial então, algumas das minhas futuras colegas de profissão que em noites marcadas pelo especial debate psicanalítico me fizeram instigar e principalmente instigar-me mais a respeito desse meu louco aparelho psíquico.

À alguns professores, que com discursos floreados da mais pura beleza que a psicanálise pode oferecer, me fizeram acreditar que a vida ainda é um mistério a ser desvendado e que não se deve parar ao se (de)parar com certas adversidades.

Dedicado principalmente a este grande Outro que nos circunda.

É preciso o Outro, o analista, a  
história, o livro para ajudar a ver e  
mediar a ardência da coisa em si.

*Celso Gutfreind em A Infância  
através do Espelho*





## SUMÁRIO

dezenove invernos

introdução

a carta

sobre roupagens

sobre feridas abertas e o sofrimento

sobre luto e falta

dois reinos e uma paixão

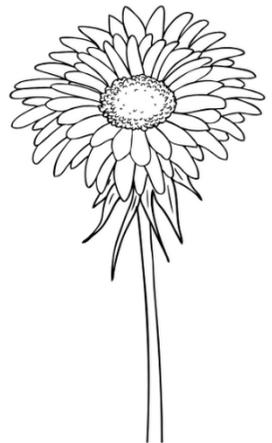
uma poesia sobre projeção

psicanálise: arte e poesia

um textículo sobre passagem

despedida

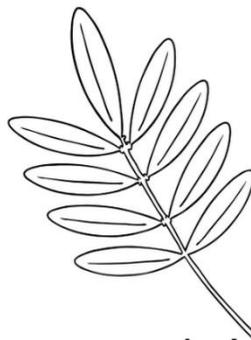
um poema final





## DEZENOVE INVERNOS

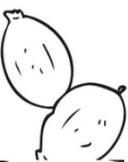
Nasci em meio ao gélido.  
Em meio ao frio que deleitou-se sobre o  
telhado da maternidade,  
Permeou seus jardins e corredores.  
Nasci chorando.  
Talvez sabia, desde o rompante da minha  
existência,  
Que aquele mundo, onde me demorei a  
enxergar,  
Seria cenário para a maior das tragédias  
humanas.





Fui batizado, e frente ao clero, familiares de  
trajes elegantes,  
Me nomearam. Não com um nome.  
Mas uma coisa estranha, diferente, ultrajante,  
Que me dotou de significado e de significantes  
singulares.  
A primeira impressão. A perfeita projeção do  
desejo parental.  
Esquisito, único, duvidoso, só meu.

Fui marcado como mais um dos milhares de  
filhos do Outro.  
Do grande Outro. Abençoado por ele.  
Que não hesitou em despejar-me sua multi-  
cromática e magnífica criação,  
Me tornei. Dia após dia me transformo,  
Me construo e desconstruo.  
Marco o mundo com minha transição de canto  
a outro.





Transfiro-me para folhas de papel e então tranço  
singelos filhos,

Trovejo e inundo-me com liricidades,

Sou todo cor, ruína, elegância e destruição.

Acredito no inimaginável e dotado de faltas eu  
percorro a vida.

Dia após dia, ano após ano. Inverno após inverno,  
vou deixando um a um para trás.

Estou os perdendo. Os conhecendo. Dizendo  
adeus.

Será que eles me conhecem, desde o dia que senti  
o frio pela primeira vez?

Sou vento. Sou geada, costumo as vezes nevar.

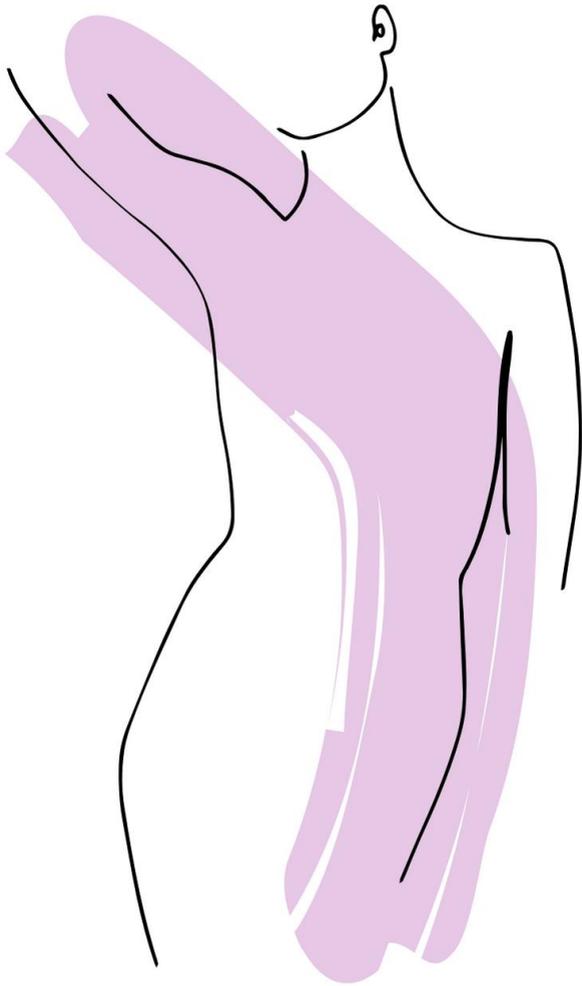
Sou filho do inverno, da estação gelada.

Sou significativo em construção, desnomado,  
Em crescimento e ressignificação.

Sou escritor de dores, poeta de afetos. Sou menos  
do que me vejo, mais do que costumam-me ver.

Sou poesia e me inscrevo em mundos afins, por  
aí, perdido em busca de se encontrar.







## INTRODUÇÃO

Defrontado por uma pergunta singular e bastante enigmática, em uma tarde de quase verão, uma das filhas de uma paciente idosa em uma lar para senhoras com mais de sessenta anos – onde costumo fazer um estágio voluntário; escuta qualificada, demonstração de afeto em forma de singelos cafés da tarde e por vezes alguns presentinhos abarrotados de carinho – pergunta ao me conhecer: “ora, quem é você?”. Uma pergunta que de fato eu não saberia responder, então a disse de imediato, “por favor, se souber quem eu sou, suplico que me diga, pois, ainda depois de tantos anos em vida não consegui encontrar um resposta!”.

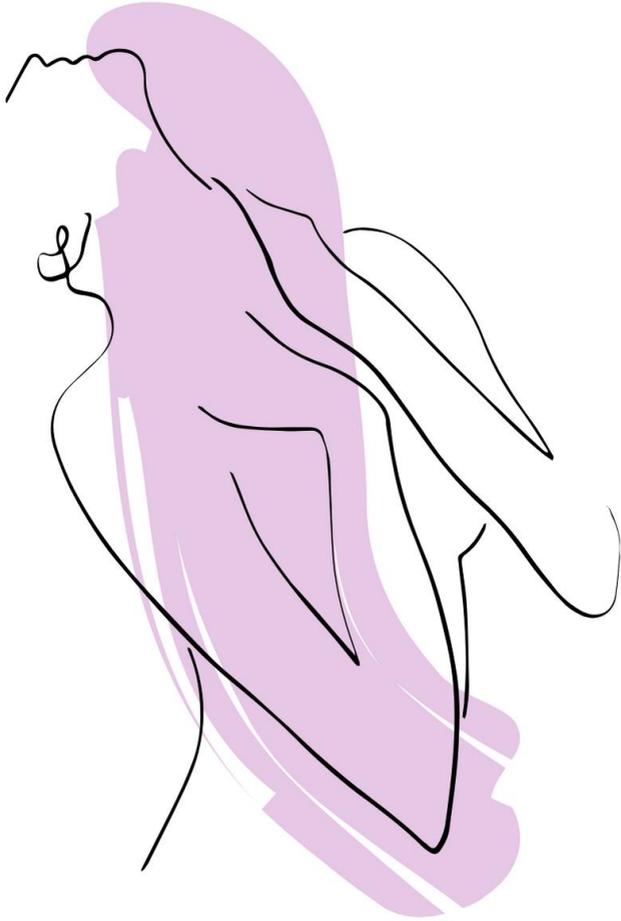
Nós rimos desta trágica realidade: a de sermos eternos detetives de um crime hediondo onde somos, quase sempre sem saber, as próprias vítimas desta vida sem saber para que, e sem saber quem de fato somos.

Depois de rirmos e nos entreolharmos respondi calcado em minha superfície rasa de autoconhecimento: “sou Junior Malinowski, estudante de Psicologia”. E ela se apresentou também. Ora, necessito reservar um espaço aqui para desculpá-la, pois a conhecendo recentemente já esqueci o seu nome. Mesmo que frente a esta incompreensível jornada a qual estamos destinados a percorrer, a vida vai tecendo seus significantes e símbolos ao decorrer do caminho. Não é nosso dever apressar estas agulhas de crochê que empurram nossas pernas dia após dia. Anos atrás considerava que um dia eu seria dentista, o tempo passou e considerava me tornar advogado, anos após estas doces e insalubres ideias recebo a notícia que entraria para a faculdade de Psicologia e desde então ela vem me agraciando com uma visão mais colorida da vida.

Neste pequeno trabalho, eu sugiro, ser uma resposta a um desafio lançado por uma das diversas profissionais da Psicanálise a qual me serve de inspiração: “escreva em suas palavras o que aprendeu neste semestre com a psicanálise”.

Impossível seria descrever tudo, e não querendo me espelhar aos demais colegas que limitam-se a escrever meias páginas de conteúdo, apresento ao mundo uma pequena obra, uma síntese, um textícuo resumido do que absorvi da psicanálise; não do que absorvi no semestre atual ao qual cursei com esta grande profissional a disciplina de fundamentos básicos, mas o que aprendi desde que conheci a dita descoberta de Sigmund Freud. Além de tudo isso, apresentar com algumas palavras breves seu papel em diversas das adversidades presentes em minha trajetória de vida nos anos de 2018 e 2019.

Esta carta, ao qual o título se refere, é dedicada a este grande Outro de letra maiúscula e importância insubstituível. Escrita para este Outro desconhecido, que é linguagem, que é inconsciente, que é mistério e admiração. A este Outro, não o pequeno, mas o grande. Foi escrito para ele e para os demais Outros e outros de minha vida, e talvez, principalmente às ações caridosas, aos encontros do bem, ao amor e ao cuidado, aos sonhos e a possibilidade de realizações, ao afeto e ao aprendizado constante, a tudo isso que eu posso chamar de Deus. Ou então, chame do que preferir.



O amor pode ser, e frequentemente é, tão atemorizante quanto a morte. Só que ele encobre essa verdade com a comoção do desejo e do excitação.

*Zygmunt Bauman (Amor Líquido).*

Novembro, 2019  
Curitiba, Brasil.

*Ao Grande Outro,*

Sobre você, o Outro de letra maiúscula, foi-me apresentado em meados de agosto em uma das aulas de Psicanálise da Universidade. Um dos termos mais enigmáticos de Lacan e que ainda temo a ousadia em busca-lo definir através das literaturas. Não busco aqui, então, defini-lo. Como linguagem, talvez, então o escrevo e espero que sirva de leitura aos pequenos outros, de letra minúscula.

De início, registro meu encontro com a Psicanálise abarcado de diversos preconceitos. Muitos dos que entram de ponta nesta enorme banheira que é a Psicologia, entram vestidos de roupagens pré-construídas, pré-conceituadas, daquilo que buscam encontrar, e assim não foi diferente em mim. A Psicanálise sempre pareceu algo distante e outras teorias me faziam abrilhantar os olhos. Foi a poesia que esta possui em seu contorno que encantou os meus ouvidos e ao se defrontarem com uma mente em ebulição, derramou palavras, significações, símbolos, e um turbilhão de dúvidas. Derramei por sobre tapetes, mesmo que sem saber, muito amor, extraído de muita dor; sem dúvidas que a Psicanálise serviu como uma lente de contato, e ainda continua servindo, provavelmente até a eternidade.



## SOBRE ROUPAGENS

Somos caminhantes num duto finito e escuro dotado de momentos, buscas e experiências. A este lugar, se é que podemos limita-lo a tal, damos o nome de vida. A vida é um caminho longo, sem antídoto e sem cura. Nascemos e morremos, esta é a maior certeza humana (diz o senso comum).

Nasci e mesmo antes de chegar ao real, era imaginário. Me deram um nome, me imaginaram de diferentes maneiras, me investiram ideias e possíveis valores, me criaram à perfeita imagem projetiva de si mesmos, meus pais. Então desembarquei na jornada da vida e chorei pela primeira vez, talvez já estivesse sabendo o que me aguardava. O choro da vida, é preciso chorar quando se nasce, é sinal de que está indo tudo bem.

Eu chorei, ainda choro e posso afirmar que o continuarei fazendo por muito tempo, “ouça as nuvens soluçando no céu”, disse um dia em um poema.

A vida pode ser um poema, e ela nos veste com diferentes roupagens ao decorrer do duto. E que roupagens pesadas, fazem soar em dias de verão. O que aprendi com elas é que cada uma, mesmo parecendo querer ficar por toda uma eternidade presas na pele, servem de figurino importante para a dramatização da existência. Mesmo não querendo, é preciso vestir o casaco de frio para não pegar um resfriado. Tive uma infância repleta de “resfriados” que marcaram uma caminhada que ainda perdura, outros que partiram para os confins recalcados do inconsciente e que volte e meia reavivem sem querer (querendo).

Cada passo é importante, cada elo criado, cada ferida, hematoma, palavra, símbolo. Me constituo a cada novo trajeto e graças ao outro me transformo. O outro me veste, e o visto – sem pensar, inconsciente. Peripécia. Assim seguimos o fluxo do duto que por vezes parece interminável. Choro em determinados momentos ao se deparar com a roupagem que veste o outro e que julgo querer estar agasalhada em mim, então me despedaço por não conseguir. Tolice neurótica.



## SOBRE FERIDAS ABERTAS E O SOFRIMENTO

Tenho feridas na pele, marcadas pela vida, pelo outro, por mim mesmo. Tenho cortes fundos que jorram sangue, e não estancados, inundam. As feridas abertas doem e precisam ser fechadas, precisam se tornar cicatriz. As cicatrizes contam histórias. As feridas abertas são histórias em ebulição que precisam ter final. Prefiro cutuca-las, arrancar a casca, jogar sal, fazer arder. Sofrer. Prazer.

Como disse, tenho uma pele marcada por cortes, cicatrizes e feridas que ainda precisam fechar. Encaro um espelho numa manhã e as vejo jorrar dor, sinto-as ao encarar o que não quero ver. Se contorcem na epiderme e na alma, latejam e sangram. Querem ser vistas para serem curadas.

A paixão me deixou feridas. Queimaduras de terceiro grau que latejaram e por vezes coçam. A paixão me deixou feridas quando após muito se mostrar perigosa cobrou seu preço e o valor pago, por se defrontar com o real diferente de um imaginário projetado no outro, foi alto demais. Sempre é alto e a vida não disponibiliza parcelamentos. Há luto na perda de ideais e expectativas, e este deixou marcas derradeiras.

Projeto no outro o meu desejo e quero que ele o corresponda, seja fiel ao meu ardente querer e especialmente perfeito como nos meus sonhos. Bobagem, mas acontece, sou vítima da crença da expectativa. O real deixa feridas também, é por isso que suportá-lo por muito tempo é impossível. Então se criam os contos de fadas, as músicas e os filmes de comédia romântica. Tudo para fazer suportável o peso do real sobre os ombros que latejam e trazer aquele suave narcose delirante que nos faz acreditar que o amor será como o de Branca de Neve.

Tornamo-nos envenenados pela doce maçã da imaginação, mas somos acordados pela própria Bruxa (o real). As relações com o outro sempre deixam marcas.

O outro está sempre onde estamos, não se pode fugir, não se pode ser ilha, morreríamos com o alto som do próprio silêncio. O outro está onde deve estar, aquém a nossa massa orgânica, ocupando espaços dentro de nós. Quem disse que um corpo não ocupa o mesmo espaço? As palavras que não quero ouvir me cortam como facas recém afiadas. O que (não) quero ver me cega como um olhar insistente para o sol (sei que não posso ver, mas). A aflição me arranca pedaços, a ansiedade me deturpa a cabeça, eu quero gritar, mas a voz não ecoa. Não posso voltar atrás de fato, e remoo por horas um instante insignificante. Sou um neurótico fiel a estrutura. Com dor sou aconselhado a amenizá-la, mas insisto em fazê-la ficar comigo.

O que fazemos quando o outro invade sem permissões nosso espaço, não limpa os pés no tapete e faz a maior bagunça nos cômodos da casa?

Acho que o sofrimento exige reconhecimento. Ele exige que o outro o reconheça e talvez, se compadeça de sua amargura. Se não fosse assim não estaria publicando poesias sobre minha dor e um amigo próximo não estaria reservando um pouquinho de seu tempo enlutado para trocar a foto de seu perfil por uma rosa preta em fundo preto com um escrito em caixa alta “LUTO”. O sofrimento gosta de se estampar nos olhos e na boca, se traduz as vezes em lágrimas frente aos demais e nos deixa mais fragilizados, mais empobrecidos do brilho ilusório da felicidade. O sofrimento bate à nossa porta e não espera recepção. Entra, muitas vezes, convidado pelo nosso desejo de sermos transpassados por sua obscuridade.

Gosto de extrair arte da sujeira deixada pelo sofrimento e dos cacos dos móveis quebrados pelo outro que entrou (sem ser) permitido entrar. O que faço com ela? Óbvio, exponho.



## SOBRE LUTO E FALTA

O luto. Um processo de dor frente à uma perda. Um processo de dor frente a uma nova falta que se engendra em nós. Uma falta que é fria, solitária e barulhenta. Um pirulito que se deixou cair das mãos da criancinha no parque e que agora não voltará mais a proporcionar experiências doces na vida desta pobre e iniciante alma no mundo das dores. A vida é luto. Um eterno adeus que dá lugar à recepção do novo, à ressignificação e reinvenção. Por vezes ao aprendizado. O luto nos torna capazes de crescer e a dor não se isenta do processo de evolução. A despedida de um outro imaginário (perfeita imagem e semelhança, desejo e ideal do eu deslocado no ser do outro) faz com que as latejantes feridas na alma se escancarem, se contorçam e atraiam todo tipo de sólido, superfície, lembranças, cheiros e ancoras, a se resbalarem contra elas.

A dor da despedida de alguém amado e o luto que se arquiteta em nosso aparelho psíquico escancara a falta da presença deste outro que me era tão prazerosa.

Defrontados então com a falta que ruge e se esperneia em nosso interior, somos forçados a caminhar, a procurar algo que não irá preencher esse vácuo, vestidos da ilusão mentirosa de que alguém ou algo poderá ser tão superior a ela e ser então capaz de ocupar seu espaço, presenteando-nos com o descanso merecido. A falta se inscreve e entra de mala e cuia em nós. Mas é graças a ela que o círculo faltante de um pedaço da estrutura de seu corpo pode continuar apreciando a paisagem por onde passa, a passos lentos, graças a algo que lhe falta; se estivesse inteiro, rodaria rápido demais e não conseguiria ver nada além do próprio vulto em centrifugação (ler *A Parte que Falta* de Shel Silverstein).

A falta nos faz procurar o invisível, o inimaginável, o que à primeira vista não se pode enxergar, o “indescoberto” – o que se acha que falta, e falta, que não se necessita realmente, mas que faz caminhar.

O luto está aí, na passagem de falta a falta, de descobertas e adeuses tardios ou cedo demais. O luto está no adeus ao útero, ao colo e ao seio da mãe. Está na despedida do primeiro dente que cai, do primeiro joelho que se rala e do primeiro braço que se quebra. No primeiro não ao pedir colo, no adeus às primeiras fezes deixadas no piquinho. Na primeira despedida dos pais no portão da escola, e na recusa de um beijo da primeira namoradinha. Está na despedida do corpo de criança e no olá ao corpo estranho de adolescente. Na descoberta de desejos que não podem ser realizados e ao se olhar no espelho e detestar o que vê, pois não se enxerga o que gostaria de fato. O luto está nas pequenas coisas da vida, nos momentos mais íntimos e nos mais públicos.

Está onde se pode ver e sentir, e no que se pode apenas sentir e nada ver. O luto é uma constante em ação que perdura todo o trajeto da existência humana. Na morte o corpo se enluta ao perder a alma, não permitirá que outrem o preencha outra vez, então apodrece.



## DOIS REINOS E UMA PAIXÃO

A paixão não pode ser confundida com o amor, pois difere-se dele no quesito de que um é emoção e outro um sentimento recíproco que leva à construção. A paixão carrega consigo sofrimento em demasia, ilusão de ótica e a necessidade de obter prazer naquilo que deseja de imediato. A paixão transforma o indivíduo num tolo desorientado fascinado pelo romantismo. É excitação! É um imaginário que se cria baseado no próprio eu. São as borboletas do estômago saindo pela garganta, uma ansiedade sem igual, recheada de medos irracionais e certamente é ela que nos leva a escrever líricas melodramáticas, prostrar-se frente à televisão assistindo filmes e ouvindo músicas românticas. A paixão cobra um preço alto no final na maioria dos casos, e como disse, não costuma realizar parcelamentos.

O apaixonado carrega consigo a marca de um desejo, o de ser amado e de poder amar. Ansiamos o amor e há quem diga que somos feitos para ele e que somos fruto de um encontro enlaçado por ele. É através da paixão que buscamos o amor. Mas a paixão é ardilosa, é intensa, e quando se percebe, o outro, do outro lado, não demonstra parcela alguma de tal emoção. Apaixonar-se é gostoso, afinal, o sofrimento detém parcelas de prazer e nos parece que quanto mais distante o alvo está, mais rápidas se fazem as pernas para querer alcançá-lo.

Houve um dia, num reino muito distante, um belo príncipe que resolveu dar uma grande festa em seu castelo para celebrar mais um ano de sua vida. Como ansiava a grandiosidade, convidou todo o reino, mesmo não conhecendo muito de seu próprio povo. O dia da grande festa estava chegando e o príncipe percebeu que precisava de mais, então decidiu que convidaria a realeza do império vizinho.

Um risco enorme, pois a história que envolvia os dois reinos era intensa demais. Mesmo assim o fez, e o príncipe do império vizinho recebeu o seu convite.

A grande festa de aniversário chegou e, como esperado, encheu o enorme salão de pessoas – gente de todo o reino, do mais pobre ao mais rico, do menos importante ao mais fiel dos seguidores da família real. A festa era toda pompa e o príncipe sentia-se nas nuvens. O príncipe do reino vizinho então chegou e recepcionado pela guarda real foi até o príncipe aniversariante. Ambos se cumprimentaram e o príncipe sentiu outra vez uma sensação estranha embolando suas entranhas.

A festa acabou e os príncipes se despediram, mas mesmo depois de estarem distantes a paixão cravou no peito de cada um deles uma marca funda. O príncipe então, encantado pelo outro que viera em sua festa, escreveu-lhe uma carta de admiração, e dias depois foi respondido a mesmo nível.

Distantes um do outro, o que o príncipe apaixonado poderia fazer era imaginar outra vez os pequenos momentos que passara com o outro, e desta imaginação a paixão fruiu como água. Outras cartas foram trocadas, mas com o tempo elas eram enviadas em demasia pelo príncipe apaixonado, que escrevia suas admirações pelo outro, seus sonhos e desejos, planos e expectativas, e era respondido com muito pouco, as cartas do outro príncipe começaram a deixar de chegar.

Furioso, o príncipe apaixonado pelo outro resolveu viajar até o reino vizinho para encarar de frente o rosto que lhe servia de admiração e fonte de desejo em seus sonhos. Ao se deparar com o outro príncipe, não desejante dele e completamente diferente do que havia sonhado por tanto tempo, o príncipe sentiu-se transpassado por uma espada afiada, e ao ver quem realmente a sua paixão era, se quebrou em diversos pedaços.

Mesmo parecendo ser a perfeita companhia para ele, o outro príncipe não se parecia nem um pouco com que um dia o príncipe apaixonado sonhou. Com muita raiva, jogou nele a culpa por não ter sido correspondido e por ser a razão de seu sofrimento, agora que não lhe respondia mais ao seu desejo. Sem respostas do outro, o príncipe voltou para casa e dias depois morreu amargurado.

A responsabilidade de nosso desejo é exclusivamente nossa. Ninguém mais é responsável por ele e pelo imaginário que criamos sobre o outro. Projetamos no outro nossas vontades, nossos sonhos, nossos ideais e conceitos, e alimentamos o imaginário que temos de cada um que conhecemos. As pequenas semelhanças são responsáveis pela nossa aproximação com os demais, mas o outro não é eu, e eu nunca poderá ser o outro, são diferentes e portanto, cada um é responsável por si e somente por si.

As projeções e o imaginário criado pelo príncipe apaixonado fizeram do outro príncipe o seu objeto de desejo baseado no próprio eu. Ele nunca conheceu de fato a fundo o outro príncipe e calcado sobre o pouco que recebia nas cartas, alimentou uma paixão pelo próprio ideal, pelo príncipe que inventou e imaginou. Quando então se depara com o real, com o príncipe de fato, toda a construção imaginária do outro é desmoronada e todo aquele amontoado de tijolos, concreto, sonhos e expectativas caem sobre ele com forças esmagadoras. O culpado não é o outro, é responsabilidade dele arcar com tudo que constrói. Não se pode morrer, é preciso aprender que as projeções que criamos no outro não são dele. Não se pode esperar do outro aquilo que se espera de si próprio, e quando o fazemos, as consequências são árduas e queimam a pele. A paixão já me fez pagar altos débitos em vida e o sofrimento abarcado pelo cheque me arrancou pedaços, sangue, palavras e poesias.

É difícil aprender e sair debaixo dos destroços imaginários que caem sobre nós mesmos. A arte então se tornou um alívio, uma narcose ínfima, uma solenidade em meio ao caos que infligi em mim mesmo. A arte se tornou paixão e abarrotada de sofrimento cativou os olhos sedentos pela dor humana e dos resultados de sua carnificina.



## UMA POESIA SOBRE PROJEÇÃO

Na ausência de mim, procurei-me em  
outros corpos,

O vazio que se alargava pavorosamente no  
meu peito,

Corroía cada verso de minhas poesias,  
E me afogava.

E o resultado de prender meus nós em quem  
não me suportaria?

Negativo, claro!

Dito já em versos meus, minha tentativa de  
querer agarrar o impossível,

Resultou-me numa decepção amargurada.

Culpa minha? Com toda a certeza.

Ninguém é obrigado a gostar-me.



Mas sinto muito por esses que fogem,



Talvez tenham medo, não sei.

Culpa das minhas expectativas!



Já dizia Cecília, minha vida tornou-se um perfeito cemitério de ilusões.

Os positivistas bajulam meus desejos, como são belos e tudo mais,

Mas prefiro ficar com Freud, culpabilizando minha Projeção no outro,

E é isso que me faz quebrar a cara.

Nunca aprendo. Acho que vou morrer solteiro sob meus lençóis poéticos e melancólicos,

Suplicando atenção de quem só quer uma relação passageira.

Talvez eu até case, e faça uma festona daquelas de se invejar.

Quem sabe eu morra amanhã e isso nem seja lido





## SOBRE PSICANÁLISE: ARTE E POESIA

Me arrisco e petisco, dou a ela, a Psicanálise meus significantes. Arte e poesia, é o que é. Arrepia só de imaginar. De fato, sua arte veio de encontro a uma ressignificação minha e a um novo olhar para dentro, para mais fundo e para mais abaixo das superfícies. A arte de não penas ouvir, e aqui refiro-me a mim mesmo, mas de escutar o que de fato necessita de atenção e cuidado. Veio de encontro a uma nova inspiração e olhar. Psicanálise é poesia pois se faz lírica, assim como a vida é, apesar das amarguras necessárias. Dispensa rimas, pois nem tudo combina, mas parece que tudo é combinado por este inconsciente que nos detém como sujeitos. Aprendizado eterno, sem fim. Atualizado, sempre novo.

A arte me deu a chance de encontrar um eu perdido que através da poesia se preza a fugir da solidão que o condena. A poesia se fez barricada para apoio na dor e no extremo gozo, tradutora de lágrimas que antes eram somente absorvidas pelo travesseiro. A arte possibilitou encontrar uma nova saída para as angústias atarracadas na garganta.

Busquei na poesia demonstrar amor. Amor pelo outro e pelo Outro. Busquei alívio nas horas de dores intensas, e quando que por algumas vezes pensei em ceifar a minha linha do tempo. Na poesia busquei me conhecer e entender que o amor não se limita, não se encaixa em padrão e nem em caixa, não é simétrico e nem geométrico, apenas é indefinido e para qualquer um com a capacidade de o deter. Na arte busquei reconstruir um corpo em pedaços e a transformar em vaso de ouro as cerâmicas quebradas na parede. A arte tem disso, de possibilitar novidade e reconstrução.

Nada pode ser perdido ou esquecido. Na arte encontrei a calma, e mesmo não conseguindo a abarcar com o corpo, consigo resgatá-la nas necessidades mais urgentes. Acima de tudo, encontrei um novo conhecimento, o da liberdade.

Conheci a liberdade de ser num mundo em que não sou livre. Embora digam que sou – sou meu próprio carcereiro na maioria das vezes. Mas aprendo dia após dia a me desprender de certas grades que me asilam. É necessária a arte para amenizar a dor do existir, e sim, como existir me dói. A evolução é dolorida. Doem as pernas quando crescem os ossos quando criança; dói o corpo, a carne e todo cerne humano quando a alma cresce. E como essa evolução é linda.

Embora ainda não tenha aprendido a superar certas angústias, procuro na Psicanálise o caminho para a busca de respostas, que certamente demorarei a encontrar.

E criando versos floreados da mais pura excreção de dor, permeio com arte as lacunas que a vida vai deixando sem cor, que a falta vai deixando vazias e a existência sem sentido. Se há um sentido, me arrisco em dizer que não, pois se houvesse, procuraríamos ansiosamente corresponde-lo, e assim, superficialmente, a vida acabaria.



## UM TEXTÍCULO SOBRE PASSAGEM

O trem para. As caldeiras se esfriam, e a jornada a acaba. Não há mais passageiros nas cabines, não há mais vista do lado de fora, apenas bagagens. A viagem chegou ao fim! Cada um no seu tempo, cada um na exata hora de estacionar-se neste mundo e partir para outros limiares da vida. O trem para. E ali jaze sobre os trilhos que se finalizam e ao seu redor olhares atentos de despedida. Despedidas que arrancam sangue, memórias e lembranças. Despedidas doídas, entupidas de lágrimas. Nosso amor entra em cólera! O trem para e aos pouquinhos se desfaz com o vento que o leva. Partículas preciosas no ar, se transformarão em estrelas em nosso céu! A vida nessa Terra só é preciosa, pois assim valorizada, acaba!



## DESPEDIDA

Ao grande Outro, que assim se intitula com letra maiúscula, e que aquém a todo significado presente nos dicionários de Psicanálise, sou eu, o escritor. Então, impossível seria despedir-me de mim mesmo. No entanto, tenho uma série de despedidas necessárias a serem feitas e que decerto precisam ser aqui expostas. Algumas despedidas precisam ser assistidas do alto da plataforma da vida, e é preciso sentir o luto para poder resistir. Me arrisco em dizer que tudo é passageiro. Pessoas, momentos, emoções, sentimentos e roupagens que aderimos ao decorrer da vida. Todas necessitadas de despedida, algumas ardidias, outras nem tanto. Umas arrancam pedaços, outras confortam um coração em agonia. Todas necessárias, compondo a linha de altos e baixos do compasso cardíaco.

A estes pequenos outros, aos quais atribuo o valor de terem sido um dia paixões ardentes, dou-lhes a consideração de servirem-me de inspiração, evolução e depois de tanto projetar-me, pude em alguns momentos assistir-me em mim mesmo e não na tela de outros olhos. Despeço-me de certos erros que serviram para novas tentativas, e de alguns bons acertos que moldaram os erros e novos acertos do agora. Despeço-me da antiga poesia e da arte que empoeirou no canto do porão. Dos meus pedaços que ficaram caídos no chão depois de certas quedas e de canções que já não me embalam o olhar. Despeço-me pouco a pouco de um passado que precisa soterrar-se depois de tanto causar dor. De emoções que aprendi a domar e de sentimentos que já não me servem mais. Jogo para fora toda roupa suja, toda parede quebrada, todo chão em pedaços. Jogo toda palavra entalada na glote e toda dor que envenena a alma. Me despeço destas coisas e as assisto partir aos poucos.

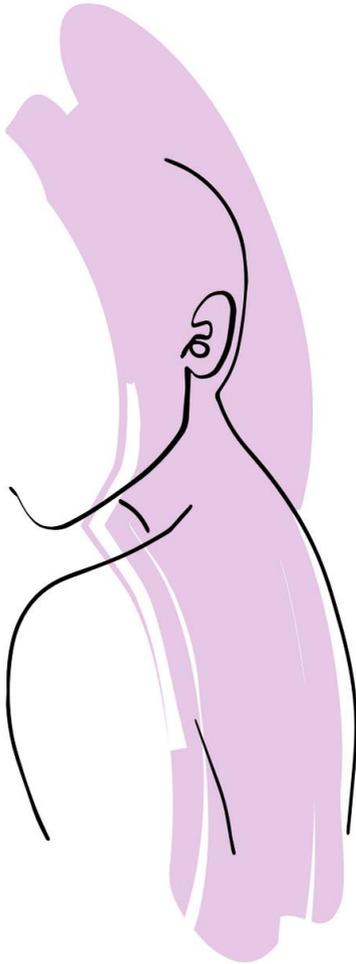
Me despeço com a esperança de ressignificar novos símbolos e de se haver com certos reais. Me despeço ao final desta pequena carta de certas projeções que consegui identificar em seu processo de escrita, e de certos imaginários que pude enxergar com a clareza e com a dor do real. Me despeço com a promessa de tentar me haver com certos complexos mal resolvidos e com alguns outros que necessitam ser escutados e além de tudo, escutar certas verdades do meu eu. Me despeço com uma certeza incerta, de que a vida nada mais é do que um grande livro de poesias, e embora certas estrofes venham a calhar em dor, e outras em demasiada alegria, compomos uma história de muita importância na existência. Com a minha arte, e com a presença da arte do outro é que se faz possível a vida continuar a produzir estrofes de pura “liricidade” poética. Me despeço, não de mim mesmo, mas principalmente, pouco a pouco, de imaginários de mim mesmo que pretendi seguir à risca.

Com luto, com  
dor, mas nunca sem discurso,  
sem palavra e poesia, nunca  
jamais sem arte e sem  
Psicanálise.



Com amor, o escritor.  
Uma alma além desse eterno divã  
que é a existência.







## UM POEMA FINAL



Ele sabia que cedo ou tarde se  
depararia com os portões do  
inferno.

Sabia que o fim era uma  
realidade exequível,

E não subordinou-se às  
limitações dos grandes cultos.

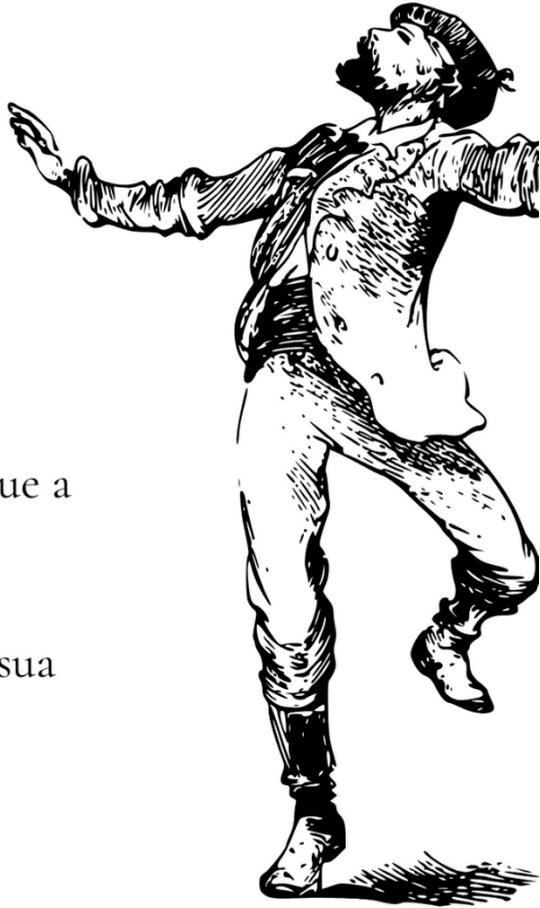
Entregou-se de corpo e alma  
para seus desejos, um a um  
conquistados pela liberdade  
lhe dada,

E rejubilou-se do prazer que a  
vida lhe deu.

Não podendo mais salvar sua  
alma,

Deu-se a si mesmo à vida,

E a partir daquela noite, via-  
se dançando nu com o diabo  
todos os dias.







## SOBRE O AUTOR



Junior Malinowski se diz escritor, poeta e tantas outras coisas mais. Tenta se definir e se encontrar dia após dia. É graduando em Psicologia na cidade de Curitiba e por vezes, na maioria delas, escreve: para amenizar a dor do existir. Já possui alguns nascituros, o mais jovem, Derramei Amor no Tapete da Sala: e não pretendo limpar, um amontoado de poesias sobre o amor e conseqüente também sobre a dor.

JUNIOR MALINOWSKI

# CARTA AO GRANDE OUTRO

DE UMA ALMA ALÉM DO DIVÃ

Esta carta, ao qual o título se refere, é dedicada a este grande Outro de letra maiúscula e importância insubstituível. Escrita para este Outro desconhecido, que é linguagem, que é inconsciente, que é mistério e admiração.



Almas  
para  
além  
do  
Divã

